

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS
E SUAS MUTABILIDADES HISTÓRICAS**

Diego Carmo (UNIOESTE)

diegodocarmo24@hotmail.com

Nayra de Paiva Oliveira (UNIOESTE)

nayrapaiva@hotmail.com

RESUMO

Em meio a tantas variações de língua portuguesa, é necessário considerar estas diversas formas de falar como uma grande riqueza que o Brasil carrega ao longo da sua formação histórica. Estas variações apresentam um olhar amplo sobre o Brasil, levando em consideração sua história e a história dos povos que o formaram, sem que haja elementos de preconceito linguístico. Deve-se estar atento a alguns tipos de conceitos em relação à variação linguística e os conceitos ligados à língua, até porque a Linguística é pautada em diversos estudos, que remetem à relação entre a língua e o social. Todos os brasileiros falam com sotaque, o que deve-se mostrar é que nenhum modo de falar é melhor que outro. Por isso mesmo, não pode-se dizer que haja um sotaque mais correto ou melhor que outro. Sendo assim, é essencial, nos dias de hoje, mostrar que a língua portuguesa desde sua origem vem passando por constante variação em sua estrutura. Isso ocorre devido à grande importância deste fenômeno que as línguas possibilitam para o desenvolvimento e a sobrevivência da língua. Deve ser lembrado que a língua é viva e social, e sempre, o sujeito falante vai estar envolvido com tais vertentes da língua. Desta forma, a língua, estará em constante mudança em seu processo histórico.

Palavras-chave:

Formação. Língua Portuguesa. Variação Linguística.

RESUMEN

En medio de tantas variaciones de la lengua portuguesa, es necesario considerar estas diferentes formas de hablar como una gran riqueza que lleva Brasil a lo largo de su formación histórica. Estas variaciones presentan una mirada amplia sobre Brasil, teniendo en cuenta su historia y su historia y la de los pueblos que la formaron, sin elementos de prejuicio lingüístico. Hay que tener en cuenta algunos tipos de conceptos con relación a la variación lingüística y conceptos relacionados con el lenguaje, incluso porque la Lingüística se basa en varios estudios, que se refieren a la relación entre el lenguaje y lo social. Todos los brasileños hablan con acento, lo que hay que demostrar es que ninguna forma de hablar es mejor que otra. Por eso, no se puede decir que haya un acento más correcto o mejor que otro. Por lo tanto, es esencial hoy en día mostrar que la lengua portuguesa desde su origen ha experimentado constantes variaciones en su estructura. Esto se debe a la gran importancia que tiene este fenómeno que las lenguas hacen posible para el desarrollo y supervivencia de la lengua. Hay que recordar que la lengua es viva y social, y el sujeto hablante siempre estará involucrado con tales aspectos de la lengua. De esta forma la lengua estará en constante cambio en su proceso histórico.

Palabras clave:
Capacitación. Lengua portuguesa. Variación Lingüística.

1. Introdução

A variação linguística é algo natural de todos os idiomas. Incorporar à língua peculiaridades dos falantes faz com que o falar dos nativos seja algo único. Essas variações ocorrem por causa de mudanças históricas, geográficas e socioculturais. Variação ou variante linguística são as modificações que ocorrem na língua, ao se adaptar a certos grupos como idade, regiões geográficas, sexo, profissão etc.

Este trabalho teve como objetivo o estudo dessas variações, tendo como base um estudo teórico sobre o assunto. Labov (2008) chama atenção para o estudo das variações linguísticas. Bagno (2007), por sua vez, destaca o mito da homogeneidade da língua portuguesa no Brasil, atendo-se à diversidade de povos que foram o país e as dimensões geográficas, sendo assim impossível todos os brasileiros falarem igual. Preti (2000) faz um panorama sobre os sotaques falados no Brasil. Araujo (1999) fala das mudanças que a língua passa a partir dos metaplasmos. Isquerdo (2008) faz uma distribuição geográfica da língua, dividindo o país em regiões de agrupamento linguístico.

Em seguida foi feita uma resenha da série “Sotaques do Brasil”, do Jornal Hoje, da Rede Globo, em 2016, que fala do diferencial dos sotaques brasileiros e da valorização de algumas variáveis, assim como o menosprezo de outras. Uma análise comparativa da teoria e da série foi feita no capítulo quatro. E as devidas considerações finais no capítulo cinco.

2. Variações linguísticas

A língua é um importante instrumento de poder, com grande força desde a antiguidade. A chegada dos portugueses ao Brasil mostra isso, quando detentores da língua, inicialmente, não quiseram repassar o conhecimento linguístico para os nativos e escravos, para que eles não pudessem se comunicar entre si e se rebelar. Apenas alguns anos depois os padres Jesuítas perceberam a importância da língua, e a utilizaram para catequizá-los.

Mesmo de grande importância, ela foi usada como meio de controle, de poder, sendo a norma *culta* sempre vista como a de maior prestígio na sociedade, reproduzido pela mídia.

O princípio da língua é a comunicação, então os falantes fazem ajustes na forma de falar de acordo com sua necessidade: a isso chamamos variações linguísticas. Segundo Camachor (2001), a variação linguística é o uso irregular de restrições impostas pelo próprio sistema linguístico. Mas muitas pessoas consideram essas modificações erro, desconsiderando em que ambiente e porque essas mudanças foram feitas.

Essas variações enriquecem a língua, e mostram a peculiaridade de cada grupo, podendo ser divididos por idade, gênero, região geográfica etc.

Labov (2008), sociolinguista renomado, atentava para o estudo da linguística não de forma isolada, mas sim

[...] da língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008, p. 13)

Achar que o português falado aqui no Brasil é homogêneo é um mito, já dizia Bagno (2007), que afirma não existir uma unidade linguística no país.

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (BAGNO, 2007, p. 15)

Essa falsa ideia de unidade prejudica o ensino da língua portuguesa. As escolas muitas vezes tentam apagar a variação que a criança traz de casa, perdendo a oportunidade de enriquecimento cultural e interação com outras variantes. Santana e Neves (2015, p. 79), já afirmaram: “No Brasil, as variações linguísticas presentes carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro”.

As variações linguísticas podem ser divididas em quatro: Diafásicas, diastráticas, históricas e diatópicas.

2.1. Variação diafásica

A variação diafásica está relacionada com o contexto que o falante se encontra na hora da fala. Dessa forma, um mesmo sujeito pode falar formalmente ou informalmente, de acordo com o local e com quem ele está falando.

2.2. Variação diastrática

A variação diastrática ocorre a partir da convivência de alguns grupos sociais. Os surfistas, por exemplo, têm gírias próprias, como “caldo” ou “batida”, que algumas pessoas de fora desse determinado grupo não entenderiam.

Já algumas áreas de trabalho possuem jargões próprios das áreas profissionais, caracterizando-se por expressões técnicas. Os advogados, ou pessoas relacionadas ao Direito, utilizam de algumas expressões em latim como *res nullius* (coisa sem dono).

2.2.1. Faixa etária

A faixa etária também está diretamente ligada com a forma como o falante se comunica. Freitag (2005, p. 111) define a faixa etária como um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo. Esse agrupamento pode ser feito de diversas formas, mas para esse trabalho, dividiu-se os falantes em quatro: crianças, adolescentes, adultos e idosos.

As crianças, como falantes, tendo o primeiro contato com a língua, são muito influenciáveis por aqueles que as cercam. Família, professores, amigos, mídia etc., tudo isso interfere na formação linguística da criança. Já os adolescentes têm um diferencial próprio. É uma fase de transição da infância para a fase adulta, e isso interfere não apenas na própria base linguística, mas também na formação pessoal como indivíduo. Geralmente são influenciados pelas tendências e têm um dialeto próprio, dependendo de sua tribo (influenciados pela música, ídolos, mídia etc.).

Livre de maiores responsabilidades familiares e econômicas (adolescentes não costumam ser chefes de família, nem contribuir fundamentalmente para a renda familiar, na grande maioria dos casos), o adolescente vai em busca da sua identidade, com reflexos fortes no seu uso da língua. E a re-

de de relações sociais do adolescente tem papel determinante nessa busca (FREITAG, 2005, p. 115)

Essa busca de identidade, como dito por Freitag, faz com que o adolescente esteja aberto a novas experiências, e a língua é uma delas. Eles estão dispostos a criar e inovar uma linguagem própria. Utilizam muito de marcadores discursivos, que são as marcas de identidade mais perceptíveis entre os adolescentes, e que estão em constante renovação. A cada geração de adolescente, um marcador discursivo, uma nova identidade.

Algumas gírias como *broto* ou *da hora*, famosas nos anos 80, hoje, estão quase em desuso. Algumas pessoas ainda as usam, mas raramente será visto adolescente da atual geração utilizá-las. Hoje, em compensação, o uso da internet faz com que essas marcas de identidades se espalhem massivamente, principalmente envolvendo a apropriação de expressões internacionais, como *poser* ou *flop*.

Os adultos, após a fase conturbada da adolescência, principalmente os chamados “jovens adultos”, fase do primeiro emprego e primeiras experiências da fase da maturidade, sentem a pressão da responsabilidade nas costas, mas ainda trazem vestígios da fase da rebeldia. Sendo comum ainda terem na fala características da época da adolescência. Esse distanciamento ocorre progressivamente, mas não é total. Adultos que vivenciaram a década de 1970 ainda podem utilizar expressões como *batuta* e *bicho*.

Já os idosos, após passar a pressão da instabilidade financeira, pois conforme Freitag, com a aposentadoria, os indivíduos estão livres das pressões sociais da idade adulta. Observa-se um comportamento linguístico mais relaxado, sem tanto rigor normativo. Geralmente, ainda carregam características do seu tempo de juventude, como marcas de identidade da sua época, e são mais despreocupados com o rigor da língua.

2.2.2. *Sotaque*

No Brasil, há uma grande riqueza na fala dos brasileiros: o sotaque enriquece cada vez mais a nossa língua. Em relação aos sotaques, devemos ressaltar que são fenômenos naturais, além disso, em geral, acontecem em razão das diferentes colonizações. Por exemplo, na Região Sul, onde há um grande histórico de colonização e imigração de italianos, alemães e outros povos do leste europeu, pode se perceber que os gaú-

chos e catarinenses, por terem sofrido a influência da colônia europeia, têm um forte sotaque: sendo assim, é puxado o /r/. Busse (2010) afirma:

Os movimentos de povoamento da região, realizados pelo colono sulista, na década de 1960, e pelos lavradores, operários e prestadores de serviços, provindos de distintas regiões do Paraná e do Brasil, a partir da década de 1970, culminou na transferência, na troca e na adoção de elementos da cultura, da língua e da economia dos diferentes grupos que se reuniram nas suas terras (BUSSE, 2010, p. 8)

No Pernambuco, a influência no sotaque aconteceu a partir da vinda dos holandeses ao longo da formação do estado. Em contrapartida, no Rio Grande do Sul, o sotaque tem uma interferência dos italianos e alemães, mas também há a influência dos espanhóis. No Rio de Janeiro, houve uma grande influência do sotaque português, pois a região teve presença maciça portuguesa, sendo assim, na fala do carioca pode-se notar um chiado, por meio do jeito da pronúncia do /s/. Já no Norte, a região foi exposta à influência estrangeira, apesar de haver diferentes sotaques das línguas indígenas.

Este fenômeno natural acontece em várias regiões do Brasil, porém, o que se deve ter em mente e sempre lembrar é que, de fato, todos nós falamos o português independentemente do sotaque, ou seja, estes diversos sotaques brasileiros só provam a cada dia que não existe uma uniformidade quando nos remetemos à língua portuguesa.

Em relação aos sotaques das diferentes regiões Preti (2000) afirma:

A respeito das diferentes regiões, um depoimento foi especialmente relevante: Acho que incorpora a fala de várias regiões do Brasil, porém de maneira assimétrica, com alguns sotaques se sobrepondo em relação a outros. Esta diferença é bastante perceptível ao olharmos (ou ouvirmos) em termos de classes sociais: há traços mais “sudeste” em classes sociais médias e elevadas, enquanto diferentes sotaques nordestinos predominam, em média, em classes menos abastadas. “ismos” provenientes de dialetos ou falares locais. (PRETI, 2000, p. 24)

Em relação ao conceito de sotaque, o dicionário português traz a seguinte definição:

[...] sotaque é uma maneira particular de determinado locutor pronunciar determinados fonemas em um idioma ou grupo de palavras. É a variante própria de uma região, classe ou grupo social, etnia, sexo, idade ou indivíduo, em qualquer grupo linguístico, e pode-se caracterizar por alterações de ritmo, entonação, ênfase ou distinção fonêmica. É também o nome usado para a pronúncia imperfeita de um idioma falado por um estrangeiro.

É necessário ter cuidado em relação a definições e conceitos ligados à vertente da língua, até porque a Linguística é pautada em diversos estudos, que remetem à relação entre a língua e o social, sendo assim, esses elementos apresentam diferenças conceituais entre si.

Desta forma, dialeto e sotaque não podem dividir de uma mesma definição. Pode-se dizer que o dialeto se caracteriza de forma ampla pela estrutura de uma linguagem própria de um determinado grupo, ou seja, pode haver palavras diferentes ou formas diversas de construir as frases. Já o sotaque por sua vez é a pronúncia que está ligada à forma como se fala. Podendo ser marcada pelo ritmo em que as palavras são mostradas verbalmente, ao longo da fala discorrida pelo falante, e os diferentes sons implicados na fala.

O dialeto nada mais é do que a variedade de uma língua própria de uma região e está relacionado com as variações da língua que podemos encontrar na fala de determinados grupos. E o sotaque é o modo de falar, particular de cada indivíduo, região ou nação.

2.3. Variação histórica

Ao longo da história, o português passou por vários meios de transformações fonéticas, resultando no estado de língua que se usa hoje. O processo de transformação pelo qual passa a língua é denominado de metaplasmo.

A palavra *metaplasmo* significa mudança de forma. Para a gramática, os metaplasmos são como transformações fonéticas, ou seja, que os vocábulos sofrem durante sua evolução histórica. Porém, ressalta-se que os metaplasmos não se limitam somente ao processo de transformação que ocorreu na passagem do latim para o português, visto que, mesmo com os passar dos anos, eles ainda existem na língua portuguesa.

Segundo Botelho (1993),

As mudanças fonéticas por que está passando nossa língua, principalmente na fala dos indivíduos – referimo-nos ao uso linguístico –, por exemplo, nos diálogos cotidianos em que as palavras consagradas no léxico de uma forma sofrem transformação fonética e são pronunciadas de modo distinto deste. (BOTELHO, 1993, p. 1)

Como já visto nas seções anteriores, os falantes brasileiros possuem uma grande demanda de dialetos e sotaques. Sendo assim, os falantes utilizam-se de quatro tipos de metaplasmos: aumento, supressão, trans-

posição e transformação. Desta forma, a partir destes metaplasmos são formados novos vocabulários que enriquecem a língua portuguesa. Por meio das alterações fonéticas, resultam diferentes tipos de metaplasmos, conforme Araújo (2008).

Os metaplasmos, por serem alterações fonéticas verificadas nas próprias palavras da língua, emigram e peregrinam através do tempo, até permanecerem essas alterações estáticas por algum período, e outra vez se modificam, tudo ao sabor do uso dos falantes, dentro de seqüências diacrônicas e sincrônicas. (ARAÚJO, 2008, p. 15)

É importante, nos dias de hoje, entender que a língua portuguesa desde sua origem e ao longo de sua formação vem sofrendo uma grande e constante variação em sua estrutura. Se dá importância a este fenômeno pois estas transformações são extremamente importantes para o desenvolvimento e a constante sobrevivência da língua portuguesa em seus meios sociais.

2.4. *Variação diatópica*

A formação do Brasil como colônia está diretamente ligada à forma dos falares dos brasileiros, conforme Isquerdo (2006).

[...] apesar das numerosas divisões administrativas do Brasil e do fato de a língua e a tradição portuguesa de certa forma garantirem a unidade nacional, a enorme extensão geográfica e a história das antigas capitânias confirmam a existência de grandes grupos locais distribuídos por todo o território brasileiro. (ISQUERDO, 2006, p. 10)

O Brasil tem uma extensão continental, logo, falar apenas uma variante seria impossível. Assim, é normal que um sulista do Rio Grande do Sul tenha particularidades de fala diferentes das de um nordestino de Fortaleza. Mesmo assim, existem várias classificações das divisões culturais brasileiras para estudo da língua. Isquerdo considera três, já João Ribeiro (1954) divide o país em cinco grupos:

1) o Extremo Norte (a Amazônia, o Maranhão, Piauí e Ceará); 2) o Norte (Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte); 3) o Centro (Sergipe, Baía, Ilhéus e Porto Seguro); 4) o Interior (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso); 5) o Sul (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). (ISQUERDO, 2006, p.11)

Diégues Júnior (1960), por outro lado, leva em consideração a colonização do país e diferentes momentos da sua história, estabelecendo dez regiões culturais para o Brasil: nordeste agrário do litoral, mediterrâ-

neo pastoril, Amazônia, mineração, Centro-Oeste, extremo-sul pastoril, colonização estrangeira, café, cacau e sal.

Darcy Ribeiro (1997), ainda, classifica os falantes em cinco grupos, mas delimita áreas culturais a partir de marcas distintas que refletem características étnicas, atividades econômicas e modos de ser singulares, no âmbito da sociedade brasileira: o Brasil crioulo, o Brasil caboclo, o Brasil sertanejo, o Brasil caipira e os Brasis sulinos.

Essas três tipografias, de formas distintas, tentam esboçar o perfil linguístico do povo brasileiro, a partir de condições históricas, da formação do país; passando por aspectos geográficos; e o contato com outras línguas, de matrizes indígena e africana, e outras línguas europeias.

O regionalismo é evidente no vocabulário particular de alguns lugares. Um ótimo exemplo é a palavra *mandioca*, também conhecida no Nordeste como *macaxeira* e no Rio de Janeiro como *aipim*. A mesma raiz, três maneiras distintas de se falar, apenas diferenciadas pela nomenclatura própria de cada região.

Claro que, com a *internet*, alguns vocábulos se espalharam por todo o país, mas mesmo assim ainda é possível ver particularidades como *zambeta* (pernas finas) do Nordeste ou *maleva* (bandido) do Sul, que são conhecidos apenas em seus lugares de origem.

Essas especificidades fazem parte da cultura de cada lugar, e não podem ser ignoradas pela formação acadêmica. Isso muitas vezes acontece pela utilização do livro didático como única base para estudos em sala de aula. Na maioria das vezes, eles são escritos na região Sudeste, tendo assim a variação daquele lugar. Sendo assim, entende-se a importância de o professor trabalhar a cultura local com o aluno, e não apenas querer *padronizar* a Língua Portuguesa.

3. *Sotaques do Brasil: um panorama amplo sobre os modos de falar brasileiros*

A série “Sotaques do Brasil”, apresentada pelo Jornal Hoje, faz um estudo a respeito dos diferentes sotaques e modos de falar presentes no Brasil, a partir da elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Para tal, a repórter Ana Zimmerman viajou mais de 16.000 quilômetros, conversando com pesquisadores da área e habitantes de cada região, de modo a demonstrar os sotaques de cada um.

No início da série, é apresentada Suzana Cardoso, coordenadora do projeto responsável pela criação do Atlas Linguístico do Brasil. De acordo com ela, foram entrevistados 1100 informantes de 250 cidades, algo que fez com que os pesquisadores percorressem 287.800 quilômetros. Essa grande pesquisa, que demorou dez anos para ficar pronta, resultou em 3.000 horas de gravações, que foram a matéria prima para a criação do Atlas.

Suzana Cardoso passa então a falar sobre os sotaques, dizendo que não existe uma maneira certa ou errada de falar, e que algumas variantes linguísticas são privilegiadas sobre outras por razões não linguísticas. Ou seja, Cardoso fala também sobre o conceito de preconceito linguístico.

É então que a série passa a mostrar os relatos de suas viagens pelo Brasil. Um dado interessante é que muitos dos entrevistados acreditam não possuir um sotaque, algo que sabe-se não ser realidade. A primeira diferença de sotaque a ser analisada é a da pronúncia da letra "e": são entrevistadas pessoas de duas partes do Brasil: uma mais ao Norte e outra mais ao Sul. É associada à região Norte uma pronúncia mais aberta para a letra em questão, como /ɛ/. Já à região Sul é associada uma pronúncia mais fechada dessa letra: /e/. A série busca apresentar um panorama histórico a respeito dessa diferença, mas conclui que não há uma razão específica para sua ocorrência, de acordo com os pesquisadores.

Ainda falando sobre a letra "e", é apresentado um outro caso muito comum no Brasil: a pronúncia do "e" como "i", como, por exemplo: /lejti/, /dêti/, /zêti/. Ana Zimmerman apresenta também algumas exceções a essa pronúncia, expressas por pessoas do Rio Grande do Sul, de Curitiba, do Mato Grosso e do interior de São Paulo. Além disso, é apresentado outro fenômeno similar: a troca do "o" pelo "u", também muito comum. Alcides Fernandes de Lima, professor da UFPA entrevistado por Ana Zimmerman, chama esse fenômeno de harmonização vocálica.

A próxima variante apresentada pela série é a da letra "r". A primeira variante apresentada é a carioca, que pronuncia o /r/ de maneira mais gutural, mais "afrancesado", como diz um entrevistado. O próximo "r" a ser mostrado é o vibrante duplo, presente no Rio Grande do Sul e no São Paulo. O último "r" apresentado é o retroflexo, ou "r" caipira, uma pronúncia verdadeiramente brasileira da letra.

Em seguida, são apresentados os casos de ditongação, que consiste na transformação de uma vogal ou hiato em ditongo, e da monotonga-

ção, redução de um ditongo em vogal. Os exemplos apresentados são de pessoas que pronunciam a palavra “arroz” como /arroiz/ e daqueles que pronunciam a palavra “feijão” como /fejão/, respectivamente. Segundo a reportagem, esse tipo de fenômeno ocorre com muita frequência com a vogal “i”, com intensidade maior ou menor dependendo da região do País.

O próximo caso mostrado pela série diz respeito à letra “s”. Ana Zimmerman fala sobre uma tabela nacional presente no Atlas Linguístico que classifica regiões do Brasil que possuem o “s” mais ou menos “chido”. A região com o maior índice dessa ocorrência foi o Rio de Janeiro, enquanto a região com o menor índice, com nenhuma ocorrência, foi o Rio Grande do Sul.

A série, no entanto, não se resume apenas a falar sobre os diferentes sotaques do Brasil. Ela também aborda as palavras ou expressões específicas de cada região, como o “uai” de Minas Gerais ou o “tchê” do Rio Grande do Sul. Além disso, são mostradas também as palavras que possuem significados diferentes em diferentes regiões, como “farda” e “uniforme”, que se referem ao mesmo objeto, mas que possuem diferentes significados quando utilizadas em outra região.

Outra característica de fala abordada pela série é o uso do pronome “tu”. Embora muito presente na fala de pessoas do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Maranhão, outras regiões preferem o pronome “você” ao invés do “tu”.

A série, embora de curta duração, possui uma riqueza pouco vista na televisão, abordando os mais diversos aspectos dos sotaques brasileiros de maneira aberta e não preconceituosa. Apresenta a opinião de profissionais da área, de modo a explicar os conceitos apresentados e construir um panorama histórico a respeito das variantes regionais. Além disso, boa parte da série consiste em mostrar o ponto de vista da população em geral, que tem a oportunidade de apresentar seus sotaques e suas opiniões sobre o assunto.

Esse contato com a população é um grande acerto da série de reportagens, pois faz com que as entrevistas tenham um ar mais natural do que as entrevistas comuns, geralmente excessivamente formais e engessadas. Além disso, o contato com a população insere uma boa quantidade de humor na série, pois mostra alguns fatos extremamente interessantes a respeito da opinião popular sobre os sotaques: alguns dizem que não os

possuem, alguns dizem que seus sotaques são mais "cantados" do que outros.

De maneira geral, a série "Sotaques do Brasil", é muito rica, pois apresenta um panorama muito amplo sobre o Brasil, levando em consideração sua história e a história dos povos que o formaram, sem que haja elementos de preconceito linguístico frequentemente presentes na televisão brasileira.

4. Considerações finais

Como resultado deste trabalho, mostra-se a questão das variedades linguísticas presentes no Brasil: todas as variações devem ser ressaltadas como uma riqueza presente na língua que possuímos, devido ao contexto histórico e regional vivido pelos falantes.

A língua é um importante instrumento de poder, sendo assim, ela passa por várias modificações ao longo da história e devido ao contexto social vivido pelos falantes.

Porém, muitas pessoas consideram essas modificações erro, desconsiderando todo valor, de tais diferentes dialetos, sem valorizar o seu contexto histórico no qual estão inseridos, e nem ao menos compreendem o porquê dessas mudanças. No entanto, tais mudanças linguísticas tendem a mostrar as particularidades de cada grupo, destacando-se as suas características no seu modo de fala.

Partindo do princípio de que a língua é a comunicação, os grupos falantes de uma língua fazem ajustes necessário para uma comunicação plana e eficaz de acordo com suas necessidades dependendo dos contextos nos quais estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ruy Magalhães. *Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2000. 15f.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: O que é? Como se faz?* 48ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BOTELHO, José Mario. *História e formação do léxico da língua portuguesa*. Monografia. (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Ca-

tólica (PUC) – Departamento de Letras, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1993. (Inédita)

BUSSE, Sanimar. *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. 287f.

CAMACHOR, R. G. A variação linguística. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs). *Introdução à Linguística: Vol. 1 – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. *A língua falada no ensino do português*. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. Revisitando Amadeu Amaral. *Revista Estudos Linguísticos*, vol XXXV, p. 1937-44, São Paulo-SP, 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: Uma variação sociolinguística complexa. *Revistas Línguas e Letras*, v. 6, n. 11, p. 105-121, Cascavel-PR, 2º sem. 2005.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismo no português do Brasil. *ALFA: Revista de linguística*, v. 50, n. 2, São Paulo-SP, 2006.

LABOV, Willian. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

PEREZ, Luana Castro Alves. Diferenças entre língua, idioma e dialeto. *Brasil Escola*. Disponível em: Globo.com. Acesso em: 15 de junho de 2017.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis de fala: Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

SANTANA, Essé Ovídio de Santana; NEVES, Maria do Bom Parto Ferreira das. As Variações Linguísticas e suas implicações na Prática Docente Millenium. *Revista Millenium*, n. 48, p. 75-93, (jun/jul), 2015.